



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

**Beatriz de Britto dos Santos**

**EXPERIÊNCIAS DA LEITORA, REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:  
*OS MENINOS DA RUA PAULO***

**Rio de Janeiro**

**2019**

**Beatriz de Britto dos Santos**

**EXPERIÊNCIAS DA LEITORA, REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:  
*OS MENINOS DA RUA PAULO***

**Projeto de monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Análises Clínicas.**

**Orientador:** João Roberto Maia da Cruz

**Rio de Janeiro**

**2019**

*Dedico esse trabalho a quem assim como eu queira  
se debruçar no mundo da leitura e reafirmar sua importância na vida de cada indivíduo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pela educação de qualidade que tive durante esse quatro anos, que contribuiu para o que eu sou e que me ajudou a descobrir o que eu quero para o mundo.

Agradeço ao meu orientador, pelo seu entusiasmo com o meu tema desde o primeiro dia. Pelo apoio durante esses anos. Pela dedicação ao me ajudar até por email. Pela paciência ao lidar com todos os meus atrasos de prazo. Por me incentivar quando estava sem ideias. E principalmente, por não perder a confiança de que eu faria um bom trabalho.

Agradeço ao professor Jonathan Ribeiro Farias de Moura por ter me auxiliado na Reunião Anual de Iniciação Científica (RAIC) e na qualificação do meu projeto.

Agradeço aos meus amigos por continuarem sendo meus amigos mesmo depois de todas as saídas canceladas para que eu pudesse finalizar a monografia e por cada injeção de ânimo durante todo o processo. Em especial: Amanda Vieira, Gabriel Lima e Lucas Oliveira.

Agradeço a minha mãe, que insistiu na minha formação como leitora desde que eu era criança. E a minha família como um todo por entender que eu não podia fazer as tarefas domésticas enquanto estava concentrada escrevendo.

*“A literatura é o  
sonho acordado das  
civilizações.”  
(Antonio Candido)*

## **RESUMO**

O presente projeto realizará a análise da narrativa de categoria infanto-juvenil *Os meninos da rua Paulo* de Ferenc Molnár, com finalidade de demonstrar a importância do estímulo da leitura para um jovem. A ideia deste tema para monografia de conclusão de curso surgiu do grande interesse da autora pela leitura e por questões que a envolvem. A partir do levantamento bibliográfico de autores que se dedicam ao tema da leitura, principalmente a questão de formação do leitor, será feita uma análise do livro definido como objeto de estudo. Refletir a respeito da experiência pessoal da leitora, em conjunto com a análise, possibilitará compreender a grande importância da leitura na formação de um jovem leitor e reafirmar as contribuições que o hábito de ler pode proporcionar.

**Palavras-chave:** Leitura, Literatura, Infanto-juvenil, Educação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LEITURA .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 2 – OS MENINOS DA RUA PAULO .....</b>	<b>14</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

A minha experiência pessoal com a leitura antecede a alfabetização. Meus pais costumavam ler para mim histórias infantis, curtas, daquelas que se compravam em coleções, quando eu era criança. Minha mãe conta que eu gostava de ouvi-los contando histórias e de ouvir histórias narradas através de um CD. Ela acredita que todo o meu gosto pela leitura foi originado desses momentos de leitura em família, opinião com a qual eu concordo. O psicólogo James Hillman, afirma que a pessoa que leu histórias ou para quem leram histórias na infância “está em melhores condições e tem um prognóstico melhor do que aquela à qual é preciso apresentar as histórias” (apud MANGUEL, 1997, p. 23). Como bem observou minha mãe, as minhas irmãs mais novas, gêmeas de treze anos, não demonstram o mesmo apreço pela leitura justamente porque não tiveram, como eu, momentos de leitura na primeira infância. Portanto, pode-se perceber que o papel da família, ao incentivar uma criança a ler, é fundamental para que ela desenvolva interesse pelos livros desde cedo e quanto a isso meus pais foram os meus maiores estimuladores.

A prática de ler e ouvir histórias para uma criança não é comum em todas as casas brasileiras, portanto, de acordo com a autora Denise Curia, é tarefa da escola se envolver nesse processo quando a criança não traz o cultivo da leitura de sua casa (CURIA, 2012, p.15). Mas é preciso levar em consideração as dificuldades estruturais do país. Considerando as carências da educação brasileira, nas condições atuais, e as dificuldades para a formação cultural no Brasil, a maioria dos jovens não adquire um suporte consolidado para que possa evoluir como leitor. Por isso, ainda segundo Curia, é necessário “discutir a literatura infanto-juvenil e também a formação do leitor levando em consideração o imenso desequilíbrio social que marca nosso país” (CURIA, 2012, p.4).

Quanto aos currículos das disciplinas escolares, é preciso refletir: será que as leituras recomendadas e, principalmente, o modo de abordar os textos instigam o aluno a querer saber mais ou o cativam como leitor? Em nenhuma hipótese nego a importância dos clássicos da literatura brasileira, que afinal têm muito a contribuir em nossa formação, mas na minha visão muitos fatores também dependem do professor e de seu preparo. Para Curia, outro grande obstáculo na formação dos leitores é a abordagem deficiente que se faz dos textos literários na escola. Dessa forma, “a leitura se torna difícil e temida” (CURIA, 2012, p.4), ou seja, trata-se de

como os textos são trabalhados em sala de aula.

A ideia de estudar a leitura e a formação do leitor surgiu a partir de minha experiência de leitora. Pensei inicialmente na importância que teve para o início dessa experiência a leitura de livros que estão entre meus preferidos, os da saga *Harry Potter* da autora J. K. Rowling. Recentemente tive acesso a outra narrativa, *Os meninos da rua Paulo* de Ferenc Molnár, que aumentou meu estímulo para o estudo de tais questões. A recomendação da leitura deste último surgiu durante um encontro com o orientador deste projeto. A saga de livros *Harry Potter* conta a história de Harry, um menino órfão que descobre aos onze anos que é um bruxo ao ser convidado para estudar na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Nos sete livros da série narram-se as aventuras do bruxinho e seus amigos Ronald Weasley e Hermione Granger em cada ano escolar, lutando contra o lorde das trevas Voldemort e em busca da verdadeira história de Harry. O livro *Os meninos da rua Paulo* aborda a disputa de dois grupos de adolescentes por um terreno baldio de uma rua de Budapeste. Enquanto a série de livros de J.K. Rowling teve seu lançamento em 1997, em Londres, chegando ao Brasil pela editora Rocco em 2000, o livro de Ferenc Molnár de 1907, Hungria, foi publicado no Brasil, pela primeira vez, em 1952. A disparidade cronológica das gerações envolvidas na leitura de cada livro é bem perceptível.

Ao longo do estudo das duas narrativas, concluí que seria mais proveitoso, para não haver repetições desnecessárias, centrar a análise em apenas uma delas. Escolhi a narrativa que li e reli mais recentemente, *Os meninos da rua Paulo*. Um dos principais objetivos deste trabalho é o estudo das razões pelas quais a novela de Molnár foi e ainda pode ser, creio, tão atraente para o jovem leitor. Mas, sempre que possível, ao analisar *Os meninos da rua Paulo*, farei referências a *Harry Potter*. Pois a conexão entre as tramas está presente em diversas relações como, por exemplo, na questão da identidade de grupo, marcada em *Os meninos da rua Paulo* pela organização de mesmo nome criada pelos personagens; e em *Harry Potter* na escolha das casas (Grifinória, Sonserina, Corvinal e Lufa-Lufa) que está relacionada com as características mais fortes de cada aluno. Esta associação também é percebida quando em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto livro da série *Harry Potter*, é criada a Armada de Dumbledore, com finalidade de se proteger e defender Hogwarts; e em *Os meninos da rua Paulo*, quando os personagens decidem lutar contra os camisas-vermelhas, o grupo adversário, pela posse definitiva de seu amado *grund*.

Ao analisar *Os meninos da rua Paulo*, procurei dar conta de certas estratégias textuais que tornam a narrativa atraente e dão prazer à leitura. Além disso, pus foco em questões do universo adulto presentes num livro infanto-juvenil, que fazem com que este seja interessante para pessoas de todas as idades. A traição, a guerra, a especulação imobiliária são algumas dessas questões. Quanto aos problemas referentes ao mundo jovem, enfrentados pelos personagens no livro, eles também não são exclusivos da juventude, mas têm significados próprios no mundo dos meninos: problemas referentes aos valores de amizade, lealdade, honra e companheirismo prezados pelos grupos de amigos.

O meu interesse por questões relativas à leitura, seus benefícios e a formação do leitor, também foram fundamentais para a escolha dos temas e objetos da monografia. A relevância desta discussão num trabalho de conclusão de curso se relaciona, como já foi mencionado, com a minha experiência como leitora. Assim, o interesse por livros em geral foi o ponto de partida para pensar nesse tema. O prazer da leitura contribuiu em grande parte para o desenvolvimento da minha capacidade crítica e desenvolvimento escolar. Se as contribuições da leitura são inegáveis, é triste a situação de um país como o nosso, com seus conhecidos problemas educacionais e falta de estímulo à leitura. Além da carência material de grande parte da população brasileira, nossas escolas, de maneira geral, não têm sido bem sucedidas na tarefa de formar leitores. De fato, são condições bem desfavoráveis para estimular os jovens à leitura. Portanto, trata-se de questões relevantes, sobre as quais é sempre oportuno pensar.

É de suma importância me dedicar a um tema que considero tão importante discutir, a leitura, que foi capaz de abrir os meus horizontes para novos conhecimentos, novos lugares e novos mundos fictícios que fizeram o meu dia a dia diferente.

O primeiro capítulo da monografia se debruça sobre as questões relativas à formação do leitor. Utilizo como suporte a reflexão de autores que se dedicaram ao tema da leitura como, por exemplo, Denise Curia, Neide Rezende, Ricardo Azevedo e Antonio Candido. No segundo capítulo da pesquisa faço o estudo analítico da narrativa *Os meninos da rua Paulo*, juntamente com eventuais apontamentos a respeito dos pontos de contato e alguma diferença com a série de livros *Harry Potter*.

## CAPÍTULO 1 – A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Segundo Denise Curia, ler é fundamental para a formação do sujeito crítico e “para o exercício de sua cidadania” (CURIA, 2012, p.3). A literatura por ser um “instrumento poderoso de instrução e educação” (CANDIDO, 1995, p.7), é capaz de nos dar poder de conhecimento, clarear, aprofundar nossas ideias e, de acordo com Alberto Manguel, “levar-nos para um lugar paralelo” (MANGUEL, 1997, p.15). Por estes motivos a leitura e a educação eram e ainda são os elementos mais temidos pelos nossos opressores (MANGUEL, 1997, p.313). Manguel demonstra que, ao longo da história, aconteceram inúmeros episódios de censura, como a proibição da aprendizagem de leitura pelos escravizados; o índice, documento elaborado pela igreja que censurava diversos escritos; a enorme queima de livros durante o apogeu do regime autoritário nazista, entre outros. Todos estes acontecimentos têm em um alvo em comum: o poder transformador da leitura.

De acordo com Antonio Candido, a literatura retrata a sociedade. Ele afirma que ela tem de ser vista como um direito básico do ser humano, visto que não há possibilidade de viver sem entrar em contato com algum tipo de fabulação. A literatura é um fator “indispensável de humanização”, pois “confirma no homem a sua humanidade” e “porque faz viver” (CANDIDO, 1995, p.7-8):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 1995, p.15).

Ler é um processo de extração do sentido que está no texto. As dificuldades da leitura então ligadas ao problema da pouca habilidade do leitor em decifrar letras e palavras (COSSON, 2018, p.39). Tais dificuldades se agravam nas condições de estudar numa escola que não tenha programas de incentivo à leitura, ter baixa renda, más condições de alimentação e pais não leitores; conjunto de fatores que torna compreensível a falta de interesse pela leitura, em geral, e pela literatura, em particular (COSSON, 2018, p.37). Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (COSSON, 2018, p.39-40).

Uma pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro, no ano de 2016, constatou que a média de livros lidos em um ano por brasileiros é de 4,96. Comparando com a mesma pesquisa feita no ano

de 2007, a diferença não foi muito significativa, um aumento de apenas 0,26. A construção do prazer pela leitura é mais facilitada quando a criança, desde cedo, é apresentada a gêneros literários pela família. A mesma pesquisa nos mostra que a figura da mãe, principalmente, tem grande influência na geração do gosto pela leitura. Portanto, é de grande importância que o exercício da leitura seja estimulado nas casas brasileiras.

O desequilíbrio social no Brasil também é um dos fatores que desfavorecem o crescimento de leitores no país. O poder aquisitivo influencia diretamente no acesso aos livros. A pesquisa do Instituto Pró-Livro demonstra que apenas 18% das pessoas que recebem até um salário mínimo, compraram algum livro nos últimos três meses, enquanto 58% dos indivíduos que recebem mais de 10 salários mínimos, compraram ao menos um.

Antonio Candido revela que quanto mais igualitária for a sociedade, maior deverá ser a “difusão humanizadora das obras literárias que têm possibilidade de contribuir para o amadurecimento de cada um”,

Para que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, é preciso que a organização da sociedade seja feita de maneira a garantir uma distribuição equitativa dos bens. Em princípio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras [...]. O Fausto, o Dom Quixote, Os Lusíadas, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular. (CANDIDO, 1995, p.19).

De acordo com Azevedo, no contexto da desigualdade social presente no nosso país, “as artes e a literatura já foram há muito tempo incorporadas pelas elites”. Boa parte das crianças não tem dinheiro para comprar livros e muitos só têm acesso aos livros didáticos fornecidos pela escola. No entanto, na opinião do autor, textos didáticos são essenciais para formação de pessoas e não para formar leitores. A leitura de ficção, de poesia, a leitura prazerosa e emotiva precisa acontecer para que o gosto pela leitura se estabeleça (AZEVEDO, 2001, p.2-3).

Levando em consideração a pesquisa anteriormente citada, a leitura continua a ser algo bem pouco consolidado na sociedade brasileira. Em vista disso, Denise Curia afirma que quando as crianças não trazem essa cultura de suas casas, é compromisso da escola a tarefa de formação do leitor (CURIA, 2012, p.1). No entanto, Neide Rezende destaca as dificuldades encontradas pelos professores para exercer essa função, em face das barreiras estruturais da educação

brasileira: as péssimas condições de trabalho às quais os professores são submetidos (REZENDE, 2018, p.99).

As leituras relativas ao repertório sociocultural dos estudantes muitas vezes não são consideradas como objeto de estudo pelos educadores, o que pode ser uma perda para o aprendizado coletivo. A leitura de entretenimento, comumente apreciada pelos jovens, abrange uma série de temas com os quais o leitor se identifica por estarem presentes tanto na ficção quanto na realidade. Dentre eles: conflitos de personalidade, amor, amizade e a disputa entre bem e mal (CURIA, 2012, p.2).

A chave para um bom aprendizado pode estar no que alguns educadores ignoram: a experiência pessoal da criança e do jovem, a leitura por prazer (REZENDE, 2018, p.94). Tal experiência pode significar um ponto de partida para consolidar nos jovens o gosto de ler e posteriormente o interesse pelo desenvolvimento intelectual a partir de leituras mais exigentes.

O ensino da literatura nas escolas tem sido insuficiente de modo que a “péssima abordagem do texto literário” em sala de aula, faz com que a leitura se torne “difícil e temida” (CURIA, 2012, p.4) Por conseguinte não se obtém êxito na tarefa de formação do leitor (REZENDE, 2018, p.95).

Dentre as contribuições que a leitura nos oferece, está a aquisição da linguagem. Neide Rezende ressalta que a literatura infantil é uma aliada poderosa nesse processo, pois “as histórias teriam a dupla função de ensinar a língua e uma visão [...] de mundo” (REZENDE, 2018, p.93). Nesse mesmo sentido, afirma Lígia Leite: “Tem ficado cada vez mais claro que o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa” (LEITE, 1997, p.18). Ricardo Azevedo declara que leitores são aqueles capazes de usar textos para benefício próprio, seja como instrumento de informação, por motivos religiosos ou simplesmente por entretenimento (AZEVEDO, 2004, p.1-2)

A literatura infantil tem grande importância na formação da identidade da criança, uma vez que é voltada para a psique infantil, com vocabulário adequado ao conhecimento e à compreensão da criança (MOURA et al. 2012, p.1-2) A criança, ao ouvir uma história, pode conhecer os padrões morais de uma sociedade, levando, assim, para o seu cotidiano, os conceitos presentes nas histórias. Nesse sentido, a literatura torna-se imprescindível para a formação intelectual da criança (MOURA et al. 2012, p.3). “O leitor, na medida em que lê, se constitui, se representa, se identifica” (ORLANDI, 1983, p.173).

Através da ficção enriquecemos nossa visão de mundo pessoal e singular, desenvolvemos a intuição, o imaginário e a fantasia. A literatura de ficção pode ser uma “forma de pensar sobre a vida e o mundo. Por meio de uma história inventada e de personagens que nunca existiram, é possível discutir, de modo prazeroso e lúdico, assuntos humanos relevantes”, tais como “as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento, a tentativa de compreender nossa identidade [...]; a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades de interpretar o outro [...]; a mortalidade (AZEVEDO, 2004, p.3-4)

“A literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas - além de *politicamente corretas* - típicas dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação e empenhados na construção de um significado para suas vidas”. Nesse sentido, Ricardo Azevedo reitera: “é imprescindível que na formação da criança, e do leitor, haja sempre espaço para que o contraditório e a ambiguidade apareçam”. (AZEVEDO, 2004, p.8, grifo do autor).

“Livros didáticos têm sido muito úteis [...] como instrumento pedagógico, mas, certamente, não formam leitores. Para que a formação do leitor ocorra, é necessário que haja, entre a pessoa que lê e o texto, uma espécie de comunhão emocional que pressuponha prazer, grande identificação e, sempre, a liberdade para interpretar”. A literatura “deve ser compreendida como um modelo de pensamento que recorre à ficção e à poesia para interpretar e dar significado à vida e ao mundo” (AZEVEDO, 2004, p.9).

## CAPÍTULO 2 – OS MENINOS DA RUA PAULO

Neste capítulo farei a análise de *Os meninos da rua Paulo*, um clássico do gênero juvenil e exemplo de boa literatura. Trata-se de narrativa que tem as qualidades necessárias para estimular o gosto pela leitura, as quais foram apontadas no capítulo anterior. Um livro como esse, se adotado nas escolas e bem trabalhado em sala de aula, certamente contribuiria para formar leitores.

*Os meninos da rua Paulo* é uma novela juvenil do escritor húngaro Ferenc Molnár sobre um grupo de meninos e um terreno baldio, o *grund*. Segundo Paulo Ronái, tradutor da história, esse terreno era o espaço onde, depois da aula, os garotos se reuniam “para jogar pela, brincar de clube, fingir de exército, arremedar eleições, sentirem-se importantes, viver num mundo que fosse só deles” (RONÁI, 2017, p.8). Eles formam o grupo conhecido como “os meninos da rua Paulo”. Em função do terreno abandonado surge o conflito narrado, a disputa entre dois grupos pela posse do mesmo. O grupo rival, os camisas-vermelhas, tem seu quartel general no Jardim Botânico da cidade, que por ser um lugar público não lhes permite muita liberdade e em razão disso resolvem tomar o *grund*.

Em *Os meninos da rua Paulo* a primeira diferença que vemos em comparação aos livros da saga *Harry Potter* é a presença feminina. Os personagens principais da saga de J. K. Rowling são: o Harry Potter e seus melhores amigos Ronald Weasley e Hermione Granger. Em contrapartida, na narrativa de Ferenc Molnár, só se observa a presença de mulheres em dois momentos: quando a irmã de um dos rapazes da rua Paulo é citada e no momento em que a mãe de Nemeček entra na história. Não há meninas diretamente envolvidas na história. Esse fato pode ser explicado pela diferença cronológica entre ambas as narrativas, pois enquanto *Os meninos da rua Paulo* se passa em 1889, o primeiro livro de *Harry Potter* se inicia em 1991. Ao que tudo indica, o colégio em que os meninos estudam, devido à época, é somente para garotos, o que favorece o ciclo de amizades estritamente masculino. Já a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts é mista, ou seja, garotas e garotos estudam lá e, portanto, convivem com mais frequência.

As maneiras pelas quais as figuras masculina e feminina aparecem na narrativa são muito interessantes de serem analisadas. Como já mencionado, as duas únicas mulheres que aparecem são a irmã de Csele e a mãe de Nemeček. A menina é citada por ser responsável por

confeccionar a bandeirinha que identifica o grupo. A mãe, que é dona de casa, aparece quando o menino Nemeček se encontra doente e de cama. Observa-se que uma delas costura e a outra cuida da casa, posições sociais possivelmente comuns naquela sociedade da Hungria, em 1889. Os homens quase sempre aparecem junto à sua posição de trabalho: os professores da escola dos meninos; o Iano, eslovaco que trabalhava vigiando as pilhas de lenha; o segurança do Jardim Botânico e o pai de Nemeček que é alfaiate. Somente o pai de Geréb e o cliente do pai de Nemeček não são associados aos seus empregos.

O livro se inicia com os meninos na sala de aula, inquietos, se preparando para a saída. Mas logo que o professor percebe a agitação, sem se dar conta dos poucos minutos que faltam para o fim da aula, os questiona sobre o motivo e todos param o que estavam fazendo. Presumindo que a excitação dos estudantes se dava pela pianola que tocava do lado de fora, o professor pede a um aluno que feche as janelas. Aproveitando a distração do professor, Csónakos cochicha no ouvido de Nemeček que pegue o bilhete no chão. Nesse momento aparecem os primeiros integrantes da rua Paulo. Nemeček, muito prestativo, abre o bilhete que dizia: “Passe para Boka”. Segundo o narrador,

Nemeček sabia que isto era apenas o sobrescrito e que o recado estava no verso. Mas como era um rapaz de caráter, não quis absolutamente ler uma carta destinada a outrem. Refez a bolinha e aguardou o momento oportuno para, então, cochichar por sua vez, inclinando-se da carteira para a passagem entre as duas fileiras de bancos:

— Boka, atenção!

(MOLNÁR, 2017, p.22).

A exemplo de tantas outras, trata-se de passagem do livro na qual se pode perceber que o caráter é algo extremamente importante para esses meninos que moram nos arredores de Budapeste. Neste trecho citado, testemunha-se o primeiro ato de honra do pequeno Nemeček. No papelzinho dizia-se para o destinatário tomar ciência de que, às três da tarde daquele dia, haveria uma assembleia geral no *grund* para eleição do presidente.

No livro, a escola é vista como um espaço disciplinar, em razão de haver normas e regras impostas pelos professores, com finalidade de manter um certo nível de organização. Para escapar um pouco da disciplina, a atenção dos garotos volta-se, de vez em quando, para o que acontece fora da escola. Diferente desta, o *grund* é um espaço de prazer e jogo, o lugar de liberdade para onde tanto querem ir.

Após o encerramento das aulas, os alunos saem da escola, na porta da qual um italiano vende doces. Csele se espanta, pois o preço do torrão havia aumentado de um *krajcár* para dois *krajcár*. Geréb surge ao lado de Csele e sugere que o amigo jogue o chapéu no meio dos doces. Grã fino do jeito que é, Csele tem pena de sujar o chapéu e não joga mas desafia Geréb a fazê-lo. Este aceita o desafio, não o realiza porque é repreendido no ato por outro amigo, Boka, o líder do grupo dos “meninos da rua Paulo”, que lhe segura a mão. O rapaz, além de demonstrar autoridade sobre o colega de grupo ao impedi-lo de fazer algo que, em sua opinião, não tem sentido, mostra também outro valor essencial para essa turma, a coragem. Pela primeira vez na narrativa, Geréb tem conduta criticável, prenúncio do que virá a seguir.

Os três amigos saem pela rua e mais à frente encontram Csónakos e Nemeček, os quais também são “meninos da rua Paulo”. Este último conta para os companheiros o incidente que acontecera na tarde anterior. Enquanto ele próprio brincava de bolinhas de gude junto com Weiss, Richter, Barabás e Kolnay no muro do Museu, os dois irmãos Pásztor, valentões que pertencem ao grupo oposto, fizeram *einstand*, usaram de violência para roubar os brinquedos dos garotos mais fracos. Este é o primeiro momento de antagonismo entre os dois grupos rivais na história, no qual Nemeček se faz presente. Como explica o narrador,

[*Einstand*] É um termo especial da gíria dos guris de Budapeste. Quando um guri forte vê garotos mais fracos brincarem com bolas de gude, peninhas ou semente de alfarroba, e quer tirar-lhes o brinquedo, grita: *einstand*! Essa feia palavra alemã significa que o rapaz forte declara presa de guerra as bolas de gude e recorrerá à violência se alguém lhe resistir. (MOLNÁR, 2017, p.31-32).

Reconhecendo a gravidade do caso, Boka reforça o encontro de todos no *grund* no horário marcado.

O *grund* é o local de refúgio e reuniões, onde se estabelece a fantasia, lugar em que os personagens passam mais tempo no decorrer da história. O narrador, no início do capítulo dois, faz a descrição daquele pedacinho de terra. Quanto à sua estrutura, o narrador descreve no capítulo dois:

Tinha uma cerca do lado da rua Paulo. À direita e à esquerda era ladeado de edifícios. Por trás... pois é, era justamente esse lado de trás que o tornava interessante, magnífico. Por trás havia outro terreno baldio, ocupado por uma serraria mecânica, que aí acumulava pilhas de lenha, amontoadas ordenadamente em cubos e separadas por grande

número de ruazinhas. [...]. Quem conseguia finalmente sair do labirinto, chegava a uma pracinha, onde se erguia uma casa baixa, o edifício da serraria (MOLNÁR, 2017, p.39).

Quando para algum carro de transporte debaixo da janelinha, junto à casinha, cai pela calha a lenha cortada. De longe, só é possível ver “nuvens de vapor branco” (MOLNÁR, 2017, p.39). Na frente da serraria há algumas árvores e ao lado delas se encontra o barracão, “a residência do Eslovaco, encarregado de vigiar as pilhas durante a noite para que não as roubassem ou incendiassem” (MOLNÁR, 2017, p.40). No alto de algumas das pilhas de lenha os meninos Csónakos e Nemeček construíram fortes. Para a segurança do lugar, cada forte tem um capitão, um tenente e seus alferes, formando assim o exército. Porém só há um soldado raso, o pobre Nemeček, que é submetido a todas as ordens e a quem são atribuídos todos os castigos:

E Nemeček obedecia a todos com verdadeira felicidade. Há também guris assim, que gostam de obedecer a ordens. A maioria, no entanto, gosta de mandar. [...] não é de se surpreender que no *grund* todos fossem oficiais, e apenas Nemeček soldado raso. (MOLNÁR, 2017, p.42).

A hierarquia militar, baseada em patentes militares, é uma organização bem sucedida e unânime no *grund*, que só vigora ali. Todos os meninos envolvidos levam a sério e respeitam de muito bom grado as regras estabelecidas pelo grupo. Por ser fruto de combinação entre eles, tais regras não pesam como as diretrizes escolares estabelecidas pelos adultos. No transcorrer do texto, nota-se que a presença de adultos é bem limitada, nem é necessária, segundo Nelson Ascher (ASCHER, 2017, p.254). O interessante quanto a essa observação é perceber que os meninos, ao vivenciarem certas situações, estão como que brincando de ser adultos.

Na verdade, os meninos sentem-se parte de um coletivo, identificam-se como membros de um grupo. A identidade de grupo é um dos pontos de contato entre a novela de Molnár e *Harry Potter*, pois também está presente na série de livros de J. K. Rowling. Em *Os meninos da rua Paulo* identifica-se que os garotos se reúnem e partilham dos mesmos interesses, como jogar pela, brincar de clube e etc. Em função da convivência, eles passam a cultivar valores de amizade, coragem e lealdade que vamos testemunhar no decorrer da trama.

Bem adiantado para a reunião, Nemeček chega ao *grund* antes das três, ainda mastigando o pão que havia sobrado de seu almoço. Seguindo uma das leis principais do grupo da rua Paulo, aferrolha o portãozinho, pois quem “deixasse de fazê-lo, ficava sujeito à pena de prisão. Havia no *grund* uma disciplina bem rigorosa.” (MOLNÁR, 2017, p.42).

Ao caminhar entre as pilhas, para fazer o tempo passar, Nemeček encontra Heitor, “o grande cachorro preto do Eslovaco” (MOLNÁR, 2017, p.42). O garoto até tenta cumprimentar o bicho, mas este, afoito, sai correndo pelas pilhas, latindo alto. Estranhando seu comportamento, Nemeček o segue. O cachorro para junto a um dos fortes no qual há uma bandeirinha nas cores verde e vermelho, cores que representam o grupo, e continua a latir. Como não entende o que chama a atenção de Heitor, o soldado raso olha para o forte e não vê ninguém. Porém tem a impressão de que algo se remexia nos toros. Põe-se a subir para investigar o que poderia ser e no meio do caminho fica apavorado, pois percebe que realmente há alguém ali. Seu coração começa a bater forte e tem vontade de voltar, mas olha para baixo e vê o cachorro, o que lhe dá coragem para continuar seu caminho. Como um mantra começa a repetir para si: “Não tenha medo, Nemeček”. Ao chegar ao alto da pilha, assusta-se e exclama: “Minha Nossa Senhora”. Ainda espantado, desce depressa as toras de madeira e quando olha para cima: “lá estava Chico Áts, o terrível Chico Áts, inimigo de todos eles, capitão dos rapazes do Jardim Botânico” (MOLNÁR, 2017, p.44).

Já no segundo capítulo, Nemeček demonstra seu compromisso com o seu grupo, lançando mão de sua coragem e enfrentando o medo para proteger o que mais lhe importa, seus amigos e o *grund*. Esta cena, protagonizada por Nemeček, caracteriza-se como decisiva para o rumo dos acontecimentos, pois a ação de Chico Áts desencadeia a guerra e o relatório do soldado, faz que o líder Boka tome ciência da real gravidade do problema e adote as providências cabíveis.

A chegada de parte de seus amigos é anunciada por quatro batidas no portão, sinal estabelecido por eles. Nemeček estava muito ansioso para relatar-lhes o ocorrido, mas nem por isso esquece suas obrigações de soldado raso, cumprimentando a todos com uma “saudação militar”. Após lhe perguntarem sobre as novidades, ele relata aos companheiros a visita de Chico Áts, que lhes levou a bandeirinha confeccionada pela irmã de Csele.

Depois que todos souberam da intromissão do chefe dos camisas-vermelhas, inicia-se a eleição do presidente, motivo da reunião. Em seu discurso, Boka expôs os recentes acontecimentos, o ataque dos Pásztor, o atrevimento de Chico Áts, atitudes que em seus pensamentos logo desencadeariam uma guerra.

No capítulo três, na saída do colégio, às cinco da tarde, Boka comunica aos amigos que planejava fazer uma imersão no Jardim Botânico, território inimigo, com intuito de pregar numa árvore um papel com a seguinte mensagem: “OS RAPAZES DA RUA PAULO ESTIVERAM

AQUI!” (MOLNÁR, 2017, p.57). Todos concordam e querem mostrar aos oponentes que não sentem medo, têm coragem de penetrar no lugar onde o grupo rival se reúne e guarda as armas (MOLNÁR, 2017, p.59).

Concentrados e determinados, três meninos vão cumprir a missão de invadir o Jardim Botânico ocupado pelos camisas-vermelhas depois da audácia de seu líder ao invadir o *grund*. Na chegada à ilha na qual se agrupam os adversários, os meninos percebem que só havia dois acessos: a ponte vigiada por sentinelas e que, por isso, não era uma boa opção; ou a travessia de barco. Escolhem esta última. Durante o percurso, há um acidente, Nemecek se desequilibra e cai no lago, ficando com água até o pescoço.

Por prudência, Csónakos é escalado para tomar conta do barco, enquanto Boka e Nemecek avançam em direção à clareira onde se reúne o grupo rival. Quando podem finalmente ver o rosto dos que estão presentes, eles têm uma lastimável surpresa:

- Olhe... - cochichou Nemecek, sem conseguir acrescentar nenhuma outra palavra - olhe... olhe...

Finalmente chegou a articular:

- Está vendo?

- Estou vendo - respondeu Boka, triste.

No meio dos camisas-vermelhas estava Geréb.

(MOLNÁR, 2017, p.76).

Naquele momento de silêncio na ilha, a palavra pertence justamente a Geréb, a quem todos ouvem com atenção, até os da rua Paulo. Ele expõe aos camisas-vermelhas todos os pontos de acesso ao *grund*, para que estes fiquem mais familiarizados com o espaço e bem preparados para o seu plano de tomada do terreno baldio.

Boka, Csónakos e Nemecek são descobertos pelos camisas vermelhas, que os perseguem, mas não conseguem capturá-los, pois os garotos se escondem dentro de uma estufa: Boka, atrás de uma porta; Csónakos embaixo de uma prateleira e Nemecek, que já estava encharcado, dentro de uma fria bacia de peixes. Trata-se de um capítulo decisivo, no qual os rapazes da rua Paulo descobrem a existência de um traidor entre eles, alguém que negou algo fundamental para a existência do grupo: a lealdade.

A traição é um ato desestabilizador para os personagens da história. Isso também pode ser percebido na quinta narrativa da série Harry Potter, quando a personagem Cho Chang é forçada

por meio de uma poção da verdade a revelar os envolvidos em uma reunião de alunos insatisfeitos com a diretoria tirana, o que provoca a dissolução da Armada de Dumbledore e a decepção dos colegas que confiavam na menina. Se a traição de Cho Chang tem consequências duras, abala momentaneamente a confiança que tem de ser partilhada por todos os membros do grupo, a culpa da personagem é atenuada ou mesmo eliminada pelo fato de ter sido colocada sob efeito de ato de magia, como seus companheiros descobrem depois. Quanto a Geréb não, pois se trata pura e simplesmente de desonestidade. Sua traição poderia ter como consequência a perda do *grund* para os “meninos da rua Paulo”.

O capítulo quatro se inicia com os meninos já no dia seguinte na escola, no dia seguinte à descoberta da traição. O soldado raso, o último da hierarquia vigente no *grund*, começa a ocupar o lugar que lhe caberá na narrativa a partir de então, o de protagonista: “Os demais invejavam muito Nemeček, por haver participado de aventuras tão formidáveis apesar de simples praça.” (MOLNÁR, 2017, p.89).

Após a aula, o professor RácZ interroga os meninos a respeito de uma notícia que chegara ao seu conhecimento: a formação de uma sociedade. Por fim, o professor confisca o dinheiro da sociedade, os pertences como carimbo, bandeira e exige a dissolução da Sociedade do Betume. Essa organização vigorava dentro do *grund* e era constituída por apenas uma parte dos rapazes da rua Paulo. Funcionava também de acordo com hierarquia e certa disciplina, seu nome vinha da massa utilizada por vidraceiros para fixar no vidro caixilho de janelas. Tinha um presidente, Weiss, responsável por mastigar o betume para que este não endurecesse; um caixa, Kolnay, responsável por receber o dinheiro da cota dos sócios; um guarda selos, Barabás, que guardava o carimbo da sociedade; e o secretário, Nemeček, responsável pela transcrição das pautas.

No *grund*, Nemeček, secretário da sociedade, pede a palavra, porém quando começaria a expressar sua opinião sobre o assunto, vê Geréb se dirigindo à casa do Eslovaco. Por fidelidade ao grupo maior e apreço ao *grund*, não hesita quanto a seu dever de vigiar o traidor. Por isso diz ao presidente Weiss que adiará seu discurso. O presidente tenta deter o secretário, mas este só para quando o tenente apela para a hierarquia e repreende o soldado raso (MOLNÁR, 2017, p.108).

Nesse momento Nemeček viu Geréb esgueirar-se entre às pilhas de lenha. Se saísse naquele momento, tudo estaria perdido... [...] Mas se Boka pudesse pegá-lo ali e

conversar com ele, talvez ele se deixasse vencer por sentimentos melhores (MOLNÁR, 2017, p.109).

O secretário tem que interromper o presidente, pois precisava procurar Boka. O superior, que ignorava os motivos do subordinado, não se agrada de sua atitude, achando que o menino se acovardara. Mas o soldado nem lhe dá ouvidos, mantém sua atenção em Geréb que espera uma oportunidade para fugir sem que os outros percebam. Nemeček não esperou mais, “atravessou o *grund* e saiu pelo portão” (MOLNÁR, 2017, p.110).

No *grund* os integrantes da Sociedade do Betume ficam estatelados com a ousadia de Nemeček, mas, logo que se recuperam, chamam-no de covarde e o declaram traidor. Sua punição: exclusão da Sociedade e afastamento do cargo de secretário. Até em minúsculas seu nome é escrito no livro de atas: “ernesto nemeček é traidor!!!” (MOLNÁR, 2017, p.111). Neste trecho, testemunha-se o episódio que gera a tremenda injustiça de que é vítima o menino mais honrado dessa história: no momento em que ele luta para impedir que o verdadeiro traidor cumpra sua tarefa, é acusado de traição, absurdamente. É interessante perceber que, mesmo se tratando de uma narrativa juvenil, o narrador não idealiza os meninos do *grund*, mostrando que equívocos e maus sentimentos podem ser encontrados em toda parte. A forte hierarquia, como um fim em si mesmo, pode levar à iniquidade e até mesmo servir para acobertar ações movidas pela inveja que o resto do grupo sentira após a participação do soldado Nemeček nas aventuras de incursão no território inimigo.

Ao longo da narrativa de Ferenc Molnár, percebe-se que quase o tempo todo o foco está nos “meninos da rua Paulo”. No capítulo cinco, pela primeira vez o narrador prioriza os camisas-vermelhas e pode-se testemunhar a reunião do grupo rival. O cenário é o Jardim Botânico, dois dias após a visita de Geréb ao *grund*. Todos estão reunidos na clareira da ilha aguardando a chegada do chefe, Chico Áts. O intuito da reunião é discutir a vergonha que passaram ao deixar que o inimigo penetrasse na ilha, com a presença de todos do grupo e por não conseguirem apanhar os responsáveis pela invasão. Sentem-se humilhados, querem vingança, planejam invadir o *grund* e só aguardam o relatório do espião. Geréb tem a palavra, começa a falar sobre ter subornado o Eslovaco, mas não chega a terminar de contar, interrompido pelo berro de Chico Áts.

Não! Ao que parece, você não conhece ainda os camisas-vermelhas. Nós não vamos subornar ninguém, nem regatear. Se não nos derem o *grund* por bem, tomá-lo-emos à

força. Não quero saber nem de suborno, nem de Eslovaco, raios que o partam! O que você nos propõe é uma coisa indecente. (MOLNÁR, 2017, p.110)

Geréb não se atreve sequer a levantar os olhos, sente um medo terrível depois que Chico Áts sugere que vá embora. Se fosse expulso não teria para onde ir. Prontamente jura fidelidade aos camisas-vermelhas, que viam Geréb com desconfiança. Portanto, o traidor está marcado negativamente. Se ele traiu uma vez, pode trair outras.

O ataque é combinado para o dia seguinte. Um grupo entraria pela rua Maria e tomaria os fortes enquanto o outro pela rua Paulo para expulsar os inimigos. Eles precisam desse terreno para jogar pela. Chico Áts pergunta ao Geréb se algum do grupo da rua Paulo suspeita que ele se aliara aos camisas-vermelhas. O menino responde que nenhum deles suspeita de nada, e ainda acrescenta que mesmo que soubessem não diriam nada porque não havia entre eles nenhum rapaz corajoso. Nesse momento Geréb atinge o suprassumo de sua covardia, insultando os ex-companheiros que nem estavam presentes para se defender. Também é o momento no qual se manifesta o mais forte antagonismo entre indivíduos na narrativa: o que se dá entre Geréb, o traidor, e o fiel soldado raso Nemeček. Pois em resposta àquele que deprecia seus antigos companheiros, ouve-se uma voz dizendo: “Tem sim!” (MOLNÁR, 2017, p.120).

O líder pergunta de onde veio aquela voz e quando ela se novamente se pronuncia, todos percebem que vinha da árvore. Do alto da árvore desce um menino, que pula do último galho e olha com a expressão impassível para cada um dos camisas-vermelhas que o fitam como se não acreditassem em sua própria visão. Geréb, que naturalmente se assusta mais do que o restante, exclama: “Nemeček!”. O menino confirma, diz para todos que não precisavam procurar pelo responsável pelo roubo da bandeira do arsenal, pois ele mesmo fizera isso. Diz que sua intenção era permanecer no alto da árvore até que todos fossem embora, já que estava lá desde muito cedo, mas preferiu descer quando ouviu Geréb dizer que não havia um menino de coragem na rua Paulo. Pois havia sim, ele, o soldado raso! (MOLNÁR, 2017, p.121).

De início, Nemeček pode ser confundido com um personagem secundário, que ele até aparenta ser. Afinal, trata-se de um menino franzino, o menor do grupo e de mais baixa patente. Porém ele sai da posição passiva e passa a ser ativo, tornando-se aos olhos do leitor o personagem central que surpreende com a sua coragem para defender sua honra e de seus colegas.

Nenhum deles responde, ficam perplexos, sem ação, após presenciar todo esse episódio de bravura de Nemeček. O chefe elogia a coragem do adversário, diz que gosta dele e o convida para ser um dos camisas-vermelhas, mas o menino nega sem nem pestanejar. Em seguida, manda que os Pásztor lhe tirem a bandeira. Cumprida a ordem, todos aguardam o terrível castigo que seria infligido a Nemeček. Por fim o líder decide dar-lhe um banho, todos riem da punição sugerida, até mesmo Geréb. Nemeček permanece sem expressão alguma no rosto:

Estava resfriado e tossia desde alguns dias atrás. A mãe proibira-lhe que saísse, porém o lourinho não se aguentara em casa: saíra às escondidas, e desde às três e meia estava sentado no alto da árvore. Mas por nada nesse mundo teria dito qualquer coisa. Dizer aos camisas-vermelhas que estava resfriado? Teriam dado novas gargalhadas.” (MOLNÁR, 2017, p.124).

Nemeček não disse nada, com altivez aceita o castigo e deixa que os Pásztor o mergulhem no lago com água até o pescoço, pela terceira vez na história. Todos em sua volta riem com ainda mais vontade, bradam seu grito de guerra: “Hurrá-ó, hurrá-ó”. Nemeček sai da água todo ensopado, enlameado, é tripudiado pelo grupo, mas não responde a nenhuma provocação. Até que Geréb resolve perguntar:

- Gostou?

- Gostei. Prefiro tomar um banho a ficar à beira do lago rindo de um camarada. Prefiro ficar na água até o Ano-Bom a conspirar com os inimigos de meus amigos. Pouco me importa que vocês me tenham dado um banho. Outro dia caí na água sozinho: foi quando o vi aqui pela primeira vez, entre estranhos. Podem convidar-me a ficar com vocês, adular-me, cumular-me de presentes: nada tenho que ver com vocês. [...] Não tenho medo de nenhum de vocês. E, se vierem à rua Paulo tomar-nos o nosso terreno, lá estaremos. Lá, verão que, quando nós também somos dez, sabemos falar em outro tom. Comigo a briga não foi difícil! Vence quem é mais forte. Os Pásztor roubaram as minhas bolas de gude no parque do Museu, porque eram os mais fortes! Dez contra um, é fácil! Mas a mim pouco importa. [...] Podem afogar-me ou matar-me a pauladas: eu nunca serei traidor como certos indivíduos... como este... (MOLNÁR, 2017, p.125-126)

Nemeček olha para o ex-companheiro “com a coragem e o orgulho de um coração limpo” enquanto Geréb “sentia a consciência como que esmagada por um peso”. A fala de Nemeček é extremamente forte e surpreendente por se tratar de um menino apenas. Neste momento ele defende sua honra e de seus amigos sozinho, mesmo diante de um grupo maior de garotos. Em seu discurso, faz Geréb perceber que a lealdade é uma virtude indispensável para um

ser humano íntegro que se diz pertencente a um grupo. Quanto aos camisas-vermelhas, estes ficam admirados com a atitude do soldado raso: “todos compreenderam que o lourinho era um verdadeiro herói, um menino que merecia ser adulto...” (MOLNÁR, 2017, p.126).

Depois da partida de Nemecek, os camisas-vermelhas se entreolham. Geréb quebra o silêncio, tentando falar com Chico Áts, mas este lhe dá as costas. Percebendo que não era mais bem vindo ali, não fazia mais parte do grupo, Geréb resolve ir embora. Em seguida, Chico Áts dirige-se ao mais velho dos Pásztor. Questiona se ele e seu irmão haviam feito *einstand* com Nemecek e, ao obter resposta positiva, lembra aos dois que já proibira os camisas-vermelhas de roubar bolas de garotos fracos. Dessa vez não houve resposta, o chefe somente impõe-lhes o mesmo castigo que coube a Nemecek: mergulhar no lago, com água até o pescoço.

No capítulo seis, “os meninos da rua Paulo” organizam os preparativos para a iminente guerra. Boka ordena que todos devem obedecer ao ajudante de ordens, já que, por meio dele, o presidente daria os comandos que decidiriam a guerra. Não se trata de respeito pela hierarquia como valor em si. Os meninos acatam as determinações do líder em favorecimento do grupo, pois é com a manutenção deste que eles estão preocupados. Quanto ao ajudante de ordens, para a surpresa de muitos, o escolhido foi Nemecek.

A identidade de grupo tem, a partir daquele momento, seu mais decisivo teste para “os meninos da rua Paulo”. Pois a defesa do *grund* gera neles sentimento de pertencimento, como se fossem defender a própria pátria. Percebe-se a tamanha importância desta quando os garotos se organizam para lutar por ela, ainda que imaginariamente:

Boka sentia-se como um grande capitão pouco antes da batalha decisiva. Pensava em Napoleão... Depois os seus pensamentos se aventuraram pelo futuro adentro. Como seria? Que fim levaria ele? Acabaria soldado de verdade, capitão a comandar um exército fardado, em algum lugar longínquo, num verdadeiro campo de batalha... Para defender não um pedacinho de terra tão pequeno como o *grund*, mas aquela grande porção de terra querida que se chama pátria? Ou acabaria médico, enfrentando diariamente às enfermidades numa grande batalha, séria e renhida? (MOLNÁR, 2017, p.145-146).

No fragmento acima pode-se identificar a utilização do discurso indireto livre, uma vez que o leitor não tem como discernir com segurança se se trata do discurso do narrador ou de pensamento do personagem Boka.

Quando ficam sozinhos, Nemeček conta para Boka sobre o que acontecera na assembleia da Sociedade, na qual o pobrezinho foi declarado traidor e seu nome escrito todo em minúsculas, situação que tanto o feriu: “tudo isso, no fundo, acontecera porque os alferes, tenentes e capitães começavam a zangar-se pelo fato de o presidente se dar mais com ele, o simples soldado raso, e iniciá-lo nos segredos de Estado antes dos outros [...]” (MOLNÁR, 2017, p.144).

Pela atitude dos membros da Sociedade do Betume, percebe-se que a história não é maniqueísta, ou seja, não está baseada na divisão estrita entre bem e mal. Na realidade, compreende-se que nada é inteiramente bom ou mau. É válido lembrar que os camisas-vermelhas souberam reconhecer a coragem de Nemeček, enquanto os rapazes da referida sociedade o condenaram sem lhe dar o direito de defesa.

Ainda neste capítulo, a gravidade do momento impõe reflexão ao líder Boka. Ele sente que tudo dependia dele e “enchia-se de orgulho por ter-se encarregado de uma tarefa tão bela” (MOLNÁR, 2017, p.145). No momento em que o presidente se dirige aos fortes para conferir a guarnição, é surpreendido por batidas na porta. Ao abrir o portão ele tem uma surpresa ainda maior, pois Desidério Geréb encontra-se lá parado. O menino ficara sem lugar de pertencimento e por isso tenta ser readmitido no grupo da rua Paulo, mas Boka lhe nega a readmissão e ele vai embora. Todos os rapazes do *grund* assistiram à cena.

Mais tarde, o grupo é novamente surpreendido por batidas fortes no portãozinho. Kolnay se pôs a verificar quem poderia ser. Depois de dizer para a Sociedade que era um senhor, os meninos decidem abrir o portão. Trata-se de um homem bem vestido, que usa barba e óculos, e pergunta se eles são “os meninos da rua Paulo”. Tão logo obtém resposta positiva, apresenta-se como pai de Geréb.

O pai de Geréb quer saber o motivo por que seu filho foi expulso e Kolnay responde que foi devido à traição. O pai conta que o filho chegara em casa chorando e que, com muito esforço, fez o menino confessar o que tinha acontecido; em seguida disse ao menino que perguntaria imediatamente aos ex-companheiros do filho se ele realmente foi um traidor. Não poderia admitir que seu filho fizesse uma coisa dessas. E caso não tivesse feito, exigiria que eles lhe pedissem perdão.

Mas ninguém quer dizer a verdade para aquele homem que parece ser tão bom. Então ele questiona Kolnay, se este teria provas da traição. Como o garoto não tem resposta, ao ver Nemeček, junto a Boka, vindo na direção do grupo, diz ao senhor que o lourinho vira a traição e

saberia explicar melhor. Ao ouvir o nome de Nemeček, o pai de Geréb vai em direção ao soldadinho e, sem se importar com seu estado de doença, exige que o menino responda se o filho dele era traidor ou não.

Neste trecho notam-se as fortes atitudes contrastantes na relação entre “os meninos da rua Paulo” e o pai de Geréb. Num primeiro momento nós percebemos o cuidado que os garotos tiveram com o homem, pois não queriam magoar alguém que parecia ser tão bom. Por se tratar de um adulto, espera-se que este tenha a mínima prudência ao se deparar com uma criança doente, no entanto o homem não a teve. Sua atitude é inversa à expectativa, desconsidera completamente a situação do rapaz doente e só se preocupa com o que lhe diz respeito. Em curiosa inversão de papéis, são os meninos que parecem adultos diante de um adulto agarrado a seu interesse de modo egoísta e imaturo:

As faces de Nemeček ardiavam de febre. Sentia-se mal de verdade, arfavam-lhe as têmporas, tinha as mãos em brasa. Tudo, em volta, lhe parecia tão estranho! Aquele senhor de barbas e óculos, que lhe falara com a mesma severidade do Sr. Professor RácZ quando se dirigia aos maus alunos... toda aquela rapaziada a fitá-lo... a guerra... todas aquelas emoções... e aquela pergunta rude atrás da qual adivinhava uma grande ameaça para Geréb se lhe demonstrassem a traição... (MOLNÁR, 2017, p.156).

Nemeček responde por fim: “Não, senhor. Não traiu.” (MOLNÁR, 2017, p.156). É muito importante refletir sobre a atitude de Nemeček nesta cena. O menino, mesmo depois da humilhação e decepção que tivera com Geréb, ainda foi capaz de sentir compaixão pelo ex-companheiro diante das ameaças do pai. Mais uma vez Nemeček se prova como o herói da história, um rapaz íntegro, de bom coração, que prefere assumir a culpa a causar sofrimento à família.

Depois, na ausência do soldado raso, Kolnay revela maldosamente para o homem que Nemeček era um mentiroso, proclamado traidor e expulso da sociedade. O pai de Geréb fica contente com o relato, pois não havia gostado nem um pouco do menino. Por fim, vira as costas e vai embora feliz em poder perdoar o filho.

O capítulo sete inicia-se no dia seguinte e vemos que os meninos não conseguem conter a ansiedade, nem prestam atenção na aula. Na verdade, não são apenas “os meninos da rua Paulo” que estão eufóricos. Toda a escola, que já ficara sabendo do grande evento, aguarda ansiosamente o desenrolar dos fatos: “Os camisas-vermelhas frequentavam a Escola Técnica do bairro; era,

pois, natural que o colégio torcesse pela vitória dos rapazes da rua Paulo” (MOLNÁR, 2017, p.160). Talvez se possa dizer que essa espécie de honra coletiva ia além das fronteiras do *grund*.

Naquele dia, o Sr. Professor RácZ fazia um questionário oral com os alunos. Eis que então chama o nome de Nemeček e a turma o responde em coro “ausente!” (MOLNÁR, 2017, p.161). Um dos colegas de grupo acrescenta que o menino está doente, pois pegara um resfriado. De resposta, o professor resmunga que os meninos não sabem ter cuidado. Os da rua Paulo trocam olhares, eles bem sabem o real motivo da doença de Nemeček: “Em termos exatos, ele se resfriara pela pátria, tendo tomado três banhos, um por acaso, outro por obrigação, o terceiro por questão de honra.” (MOLNÁR, 2017, p.162).

Àquela altura, todos do *grund* já sabem de tudo o que ocorrera com Nemeček, inclusive os sócios da Sociedade do Betume passam a ter uma grande dúvida: não sabem se reescrevem o nome de Nemeček em maiúsculas e depois o riscam do livro negro ou se o riscam de uma vez. As duas possibilidades são contrapostas por Kolnay e Barabás. Para este último a honra do nome tinha de ser restabelecida. Contudo, a resolução deste conflito é postergada pela inquietude que atinge os meninos a respeito da luta daquela tarde.

No dia da guerra, Geréb envia uma carta para Boka, através da empregada, se desculpando e pedindo mais uma vez uma chance. De modo a reparar seu erro, segue o exemplo de Nemeček e fica trepado na árvore do Jardim Botânico para espiar os planos de guerra dos meninos. Mostra-se disposto a retornar como soldado raso, caso o aceitem de volta. Após ler a carta para o grupo, todos decidem que Geréb pode voltar e a senhora leva a notícia para o menino. De volta ao *grund*, Geréb se apresenta para Boka, nomeado como general da batalha. Pede-lhe que o coloquem na trincheira, o local mais perigoso do campo, pois quer reconquistar a confiança dos “meninos da rua Paulo”. A reconquista de confiança é algo difícil, pois “esta é a sorte do traidor: desconfiam dele mesmo quando fala a verdade.” (MOLNÁR, 2017, p.186).

Antes de começar a guerra, os dois grupos adversários acordam que os meios de combate seriam bombas de areia, luta regular e esgrima de lança. Entretanto no desenrolar da guerra, os camisas-vermelhas, ao perceberem que não tinham mais muitas chances, começam a infringir as regras de luta justa que os chefes João Boka e Chico Áts haviam combinado. As infrações quase custam o rumo da guerra, se não fosse, mais uma vez, pela intervenção de Nemeček.

[C]omo se lhe tivessem atirado alguma coisa nas pernas, estacou. Um menino lhe impediu a passagem perto do barracão. O chefe dos camisas-vermelhas parou e, atrás dele, os combatentes estacaram também. [...] E o menino doente, franzino, de ossos finos, agarrou de repente o grande Chico Áts, apertou-o com uma força descomunal, de que só a terrível febre daquele estado semi-inconsciente tornara capaz o seu pobre corpo, e atirou ao chão, segundo as regras, o general surpreendido (MOLNÁR, 2017, p.205-206).

O soldado tem tanto compromisso com o grupo ao qual pertence que, pela quarta e última vez, se sacrifica por aquilo que determina como prioridade: o grupo dos “meninos da rua Paulo”, o *grund*. Sua intervenção na guerra é decisiva para dar a vitória a seus companheiros. Se não fosse por Nemeček, o *grund* não seria mais deles.

No capítulo nove, após a guerra, os membros da Sociedade do Betume reconhecem, enfim, todo o heroísmo de Nemeček em cada uma das ocorrências e por fim decidem consertar o agravo anterior, reescrevendo seu nome todo em maiúsculas.

No décimo e último capítulo do livro, o leitor é levado para o interior da casa de Nemeček. O menino se encontra profundamente doente, prostrado em uma cama, havia emagrecido e ainda ardia em febre. O médico, que o visitara, dissera aos pais que ele não sobreviveria até o dia seguinte. Boka visita o amigo enfermo e o atualiza a respeito dos acontecimentos após a guerra: a deposição de Chico Áts dos camisas-vermelhas; a expulsão desses últimos do Jardim Botânico, por ordem da diretoria do parque; a visita de Áts à casa de Nemeček, para saber notícias do menino; e até a retificação que a Sociedade do Betume fizera sobre o nome do secretário.

A injustiça sofrida pelos colegas ainda dói fundo no menino, este não acredita nas palavras de Boka, quando presidente tenta relatar que os companheiros realmente fizeram a correção e assumiram seu erro. O estágio de febre alta e a repentina agitação não fizeram bem ao menino doente, ele começa a ter alucinações sobre tudo o que passara no decorrer dos últimos dias.

Como se não fosse suficiente, Nemeček mais uma vez é vítima do descaso de um adulto insensível, desta vez um cliente da alfaiataria de seu pai. O homem se mostra muito pouco preocupado com a situação do menino moribundo. Na verdade, ele só manifesta interesse no terno que havia encomendado, forçando o pai do menino a trabalhar naquele momento tão difícil.

A Sociedade do Betume chega tarde demais. A intenção dos sócios era exibir para o garoto a reparação da punição injusta, que lhe causou tanto sofrimento. Porém quando os colegas tentam mostrar isso ao menino, ele já não escuta mais e “talvez já olhasse para as coisas que olhos terrestres não podem ver.” (MOLNÁR, 2017, p.241).

A experiência da morte próxima de um amigo é uma situação nova da vida dos meninos, que não entendem o real significado de perder alguém. Talvez por isso, naquele momento de profunda tristeza para os pais de Nemecek, “os meninos da rua Paulo” não tenham qualquer reação. De certa forma, é o mesmo que acontece no quarto livro de Harry Potter, quando o personagem que dá título à saga também sofre, pela primeira vez, a morte de uma pessoa próxima, no caso Cedrico Diggory, morto por Voldemort em emboscada durante o torneio que ocorria. No caso de Harry, além de sofrer com a perda de um colega, ainda é acusado por sua morte, que apenas ele tinha presenciado.

Temas do universo adulto são um dos elementos que atraem leitores de todas as idades a fazerem a leitura de um livro infanto-juvenil. O processo de amadurecimento dos meninos se dá justamente pela perda de algo que lhes representa a infância, o *grund*. Ao final do livro, o narrador não deixa que se esqueça de que o mundo dos garotos não está isolado do mundo real, pois a crescente especulação imobiliária afeta o *grund*. O local de reuniões e brincadeiras, a partir daquele momento “ia deixá-los para carregar um imóvel nas costas para sempre.” (MOLNÁR, 2017, p.251):

Atualmente o *grund* da rua Paulo também já se encontra ocupado por um triste edifício, de quatro andares, cheio de moradores, nenhum dos quais sabe, talvez, que aquele pedacinho de terra significou a mocidade para alguns pobres estudantes de Budapeste (MOLNÁR, 2017, p.39).

A especulação imobiliária, pela qual o *grund* transforma-se em um prédio, ocorre independentemente da vontade dos rapazes que ali se encontram. E assim é a vida, nem sempre temos controle sobre o que nos acomete. Do mesmo modo que os meninos da rua Paulo, lutamos por aquilo que prezamos, mas nem sempre cumprimos todos os nossos desejos. A mudança assusta mas faz parte do nosso desenvolvimento, a maturidade está no modo em que se lida com as diversas situações do dia a dia, sejam como forem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a autora Flavia Krug, “a leitura é responsável por contribuir, de forma significativa, para a formação do indivíduo, levando-o a analisar a sociedade, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo” (KRUG, 2015, p.1). Deste trecho, compreende-se que o ato de ler “proporciona ao leitor o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadamente, ao interagir com o texto” (KRUG, 2015, p.3).

A autora afirma que a habilidade da leitura é importante por ser formadora de indivíduos atuantes na sociedade em que vivem, de modo a exercer “o direito e o dever de transformá-la” (KRUG, 2015, p.5). A leitura permite o despertar de sentimentos e emoções, inspirando-nos a um ambiente repleto de possibilidades formuláveis. Não pode deixar de considerar o conhecimento de mundo que cada leitor possui, adquirido em seu contexto: suas vivências, sua realidade (KRUG, 2015, p.6).

Tão importante quanto ensinar a ler, é a tarefa de contribuir para formar um bom leitor. A respeito dos educadores Flávia Krug assegura: “um profissional da educação sem preparo, que pouco conhece os textos em circulação, desprovido de recursos para conduzir seus alunos ao caminho da leitura, desconhecedor de técnicas e metodologias adequadas, não se efetivará nesse processo” (KRUG, 2015, p.2). Trata-se de reconsiderar o conceito de ensino, não apenas como transmissão do saber. Na verdade, os alunos também são produtores de conhecimento: pensam, debatem, leem e escrevem. Cabe ao professor primeiramente considerá-los como tais, encontrar meios para estimulá-los a se reconhecerem como sujeitos de seu próprio processo formativo, capazes de ir conquistando autonomia mental.

Sabendo que a escola é responsável pelo ensino da leitura “cabe-lhe refletir e redirecionar sua postura diante da prática”. A depender de como as aulas serão estruturadas, ao invés de formar estudantes que se satisfazem com a literatura, somente formarão alunos que desgostam da atividade de ler. Considerando a experiência social dos alunos fora da sala de aula, para que o processo de aprendizagem possa ser ainda mais proveitoso “cabe à escola organizar, criar e adequar, em sua grade curricular, propostas e estratégias efetivas de leitura, favoráveis à formação de leitores” (KRUG, 2015, p.6-7).

Neide Resende acredita que “se for possível estabelecer essa ponte com a cultura praticada pelos jovens, a partir de uma mediação crítica, esclarecida, livre de preconceitos, um passo decisivo terá sido dado para ajudar os estudantes a potencializar suas capacidades de leitura e de escrita” (REZENDE, 2018, p.101).

“É preciso compreender a leitura como elemento fundamental para a aproximação do leitor com o mundo que o cerca” (KRUG, 2015, p.11). Segundo Antonio Candido, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1995). Ainda de acordo com Candido, a literatura tem papel formador da personalidade. O texto literário proporciona ao leitor a possibilidade de desenvolver-se como sujeito crítico.

Curia afirma que “a fantasia dá forma aos problemas que estão alojados no coração do indivíduo, por isso os jovens se identificam com a fantasia” (CURIA, 2012, p.14) e que “o prazer da e pela leitura é construído a partir do fantástico e da imaginação” (CURIA, 2012, p.15). A literatura, além de ampliar o imaginário, e dar prazer, refina nossa compreensão do mundo. Por isso, desde a infância, as pessoas devem ter acesso à fabulação, à ficção através dos livros. Trata-se de algo fundamental para o desenvolvimento de uma criança.

Ricardo Azevedo reflete sobre a relação entre a escola e a produção literária:

a meu ver, nossas escolas, tirando as exceções de praxe que por sorte existem, infelizmente não estão preparadas para lidar com a literatura e acabam transformando o que deveria ser uma leitura intuitiva, pessoal, prazerosa, livre, emocional, um contato espontâneo com o discurso poético e com a ficção em uma atividade didática, compulsória, impessoal e utilitária. (AZEVEDO, 2001, p.5)

O autor lembra que as crianças são pessoas que um dia nos substituirão e para isso precisarão de todos os tipos de informação que acrescentem em sua jornada de aprendizado. E é neste sentido que a literatura contribui: as crianças “precisam ter uma formação livre e criativa, precisam saber lidar com a ambigüidade, precisam aprender a se expressar, precisam aprender a ter coragem de dizer a palavra nova, o pensamento que ainda nunca foi pensado” (AZEVEDO, 2001. p.6). Por estes motivos apresentados, falar sobre a leitura continua sendo um tema pertinente a ser debatido no Brasil e enquanto não formos uma sociedade de leitores, este tema deverá ser continuamente discutido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHER, Nelson. Uma questão de honra. In: MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. Trad. De Paulo Rónai. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AZEVEDO, Ricardo. Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje. *Revista Releitura*, Belo Horizonte, n. 15, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 02 dez. de 2017.

\_\_\_\_\_. Formação de leitores e razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (org) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>>. Acesso em: 28 jul. de 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido>> Acesso em: 25 fev. de 2018.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CURIA, Denise Fonseca dos Santos. A Literatura Infanto-juvenil na Contemporaneidade: um outro olhar para o literário em sala de aula. *Revista Thema*, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2012. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/134>>. Acesso em: 12 nov. de 2017.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4ª Ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016. Disponível em: <<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos-da-leitura/>>. Acesso: em 31 jan. de 2019.

KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. *Revista de Educação do Ideau*, Getúlio Vargas, v. 10, n.22, p.1-13, jul./dez, 2015. Disponível em: <[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/277_1.pdf)> Acesso em: 28 jul. de 2018.

LEITE, Lúcia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: Desencontros e Esperanças. In: GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. Trad. De Paulo Rónai. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MOURA, Simone Moreira de; PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima. A literatura infantil na formação da identidade da criança. *Pró-Docência*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 1-14, jan/jun, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/arquivos/SIMONE%20MOURA-FABIANA-EDWYLSO%20-%20pedagogia.pdf>>. Acesso em: 25 mar. de 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Uma questão da leitura: a noção de sujeito e a identidade do leitor. In: *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

REZENDE, Neide Luzia de. Leitura e escrita literárias no âmbito escolar: situação e perspectivas. *Estudos Avançados*, v.32, n.93, p. 93-105, maio/ago, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142018000200093&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142018000200093&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 nov. de 2018.

RÓNAI, Paulo. Prefácio. In: MOLNÁR, Ferenc. *Os meninos da rua Paulo*. Trad. De Paulo Rónai. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Trad. De Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

\_\_\_\_\_. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Trad. De Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.